

A INCLUSÃO DE CRIANÇAS VÍTIMAS DE HOMOFOBIA NOS ANOS FINAIS DO FUNDAMENTAL II NA ESCOLA JOÃO MAMEDE PIRES

Jhenys Vieira Rocha¹
Francisca Derlane Silva de Sousa²

RESUMO

Este projeto objetiva como tema principal a inclusão de crianças vítimas de homofobia nos anos finais do fundamental II. Inicialmente, descreve a homofobia, sua definição, causas, formas de expressão, sua contextualização no ambiente escolar, os resultados negativos manifestados. A não aceitação de uma orientação sexual diferente tende a promover aversão, assim como outras diversidades, tendo a violência como consequência. Na essência, essa problemática perpetua na sociedade, e se estende por todos os campos, sendo a escola um deles. A análise deste projeto permite uma visão crítica, e uma compreensão acerca da inclusão de crianças vitimas dessa prática, apontando a necessidade de promover a aceitação das diferenças nas escolas, não como um agente perpetuador da diversidade sexual, mas como interventora na promoção do respeito às diversidades existentes, sejam elas de caráter racial, sexual, ou cultural. A relevância da escola em se assumir como protagonista do processo de conscientização, orientação e instrumentalização de assuntos transversais é indispensável, pois é nesse cenário que a educação possui o papel de promover a construção de uma sociedade justa e empenhada em garantir os direitos humanos. A instituição escolar como espaço de transmissão e aquisição de conhecimentos perpassa o seu papel, assumindo como desafio discutir e repensar valores e princípios culturais rigidamente estabelecidos.

Palavras-chave: Homofobia. Inclusão. Escola.

INTRODUÇÃO

O termo homofobia é utilizado para designar aversão irreprimível, repugnância, medo, ódio, preconceito, que algumas pessoas, ou grupo apresentam e nutrem contra a comunidade LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, e transexuais). Esse termo, usado pela primeira vez em meados dos anos 70 nos Estados Unidos, difundiu-se ao redor do mundo por volta dos anos 90; foi utilizado para designar o repúdio a indivíduos que

¹ Graduado pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, jhenysvieira03@gmail.com;

² Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, photoslv@hotmail.com;

fugiam ou não se identificavam com os padrões sexuais ditos normais, a chamada heteronormatividade.

Em muitos casos, indivíduos por não definirem completamente sua identidade sexual, criam e guardam sentimentos homofóbicos, gerando assim dúvidas e revoltas que são focadas, ou seja, direcionadas, transferidas para aqueles que já aceitaram sua sexualidade. São muitas as causas que geram as ações homofóbicas, destacam-se as culturais e religiosas. No aspecto cultural essa espécie de preconceito se inicia na infância, percorrendo e se nutrindo em todas as fases do indivíduo, muitas vezes impulsionado por discursos proclamados pela própria sociedade.

No aspecto religioso, adotam-se as instituições religiosas mandamentos de Deus presentes na bíblia, no qual proíbe a relação homoafetiva, considerado inaceitável diante de Deus, sendo colocados às margens da sociedade os indivíduos que vivenciam tais relações.

A homofobia atinge quase todos os espaços sociais, e um deles é o espaço escolar. O fenômeno da violência nas escolas não é algo atual, agressões físicas, verbais, discriminação, bullying, são situações que se tornaram comuns no cotidiano de inúmeras instituições, sendo reflexo de padrões da sociedade.

As escolas recebem todos os anos alunos de diferentes classes, raças e personalidades, formando um dos ambientes sociais mais diversificados. O diferente assusta e o medo é ocasionado, quando se refere à orientação sexual, esse sentimento tende a aumentar em largas proporções, como reflexo, essa temática é abonada do contexto de sala de aula. Tendo a necessidade de compreender e fortalecer o combate à homofobia no contexto escolar surge o presente projeto.

METODOLOGIA

Este projeto se constitui mediante pesquisa de caráter qualitativo, tendo como local de realização a escola pública municipal Unidade Integrada João Mamede Pires na cidade de Alto Alegre do Maranhão. A escolha dessa temática deve à escassez de estudos sobre a mesma na cidade em questão. Os participantes do projeto foram toda a comunidade escolar, delimitando a classe estudantil à somente alunos dos anos finais do ensino fundamental II (6º ao 9º) do turno vespertino, onde notara os principais focos da manifestação de ações homofóbicas, dispondo de 2 (dois) 6º e 2 (dois) 7º anos, e cada

ano contendo 30 alunos, somando 120 (cento e vinte) discentes. Aos professores foram abordados os que exercem a docência nos respectivos anos, um universo de 12 (doze) docentes, com a finalidade de conhecer qualquer experiência voltada à temática, com colaboração também de 2 (dois) diretores, 1 (um) secretário, 3 (três) agentes, 3 (três) vigias, 2 (duas) merendeiras e 3 (três) auxiliares de serviços gerais (ASG), somando um total de 146 colaboradores. Em relação aos docentes não pensou-se em distinção de disciplinas, uma vez que, trata-se de um tema transversal, devendo ser abordado de modo interdisciplinar, inclusive a diversidade sexual e a sexualidade.

Como coleta de informações foram elaborados questionários para auxiliar a entrevista semiestruturada, desenvolvidos com base nas bibliografias estudadas (Reis, 2015; Honorato, 2009; Dinis, 2012); e observação.

Empregou-se a análise do material, excluindo qualquer unidade que postulasse crenças, tendências, e opiniões avulsas, posteriormente, as unidades foram agrupadas em duas categorias, a primeira abrangendo docentes, diretores, secretários, agentes, vigias, merendeiras, e auxiliares de serviços gerais. A segunda, os discentes, facilitando a compreensão das representações da comunidade escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

Homofobia

O termo homofobia significa a repulsa ou o preconceito contra a homossexualidade e/ou o homossexual. Esse termo, utilizado pela primeira vez nos Estados Unidos em meados dos anos 70 e, a partir dos anos 90, difundido ao redor do mundo. A palavra fobia denomina uma espécie de “medo irracional”, e o fato de ter sido empregada nesse sentido é motivo de discussão ainda entre alguns teóricos com relação ao emprego do termo. Assim, entende-se que não se deve resumir o conceito a esse significado.

Compreende-se então que a homofobia, assim como as outras formas de preconceito, é uma atitude de colocar a outra pessoa, no caso, o homossexual, na condição de inferioridade, de anormalidade, baseada no domínio da lógica heteronormativa, ou seja, da heterossexualidade como padrão, norma. A homofobia é a expressão do que podemos chamar de hierarquização das sexualidades, hierarquização

esta que busca colocar o indivíduo homossexual como ser sem direitos e na condição de inferior aos demais integrantes da sociedade. Todavia, deve-se compreender a legitimidade da forma homossexual de expressão da sexualidade humana.

Torna-se viável a interpretação condizente e relevante de que acima da orientação sexual aderida ao indivíduo, o mesmo é ser humano e deve ser respeitado acima de tudo, respeito este atrelado ao comportamento e atitude em relação à pessoa homossexual, todavia o respeito é uma virtude valiosa que tende ser essencial para a criação de ambientes harmoniosos e produtivos.

Pecado mortal, perversão sexual, aberração foram algumas das inúmeras denominações usadas ao longo dos anos para identificar a homossexualidade, refletindo o caráter de cunho preconceituoso das sociedades que não faziam empenho em implicitar suas visões do que venha a ser a mesma.

Homossexualidade ainda é vítima de ridicularizações, submetidas a olhares associados à cura, implicando numa visão patológica submetida a olhares clínicos, terapias e tentativas de cura, porém baseia-se em uma escolha sexual da pessoa, escolhendo de quem gosta e do lado de quem se sente feliz. Apesar das conquistas que acontecem no decorrer da história, o preconceito aos homossexuais ocupa espaço significativo na sociedade, ainda existindo agressões, violações, entre outros. Dessa forma pode-se entender a complexidade do fenômeno da homofobia que compreende desde as conhecidas “piadas” para ridicularizar até ações como violência e assassinato.

A questão não se resume aos indivíduos homossexuais, ou seja, a homofobia compreende também questões da esfera pública, como a luta por direitos. Muitos comportamentos homofóbicos surgem justamente do medo da equivalência de direitos entre homo e heterossexuais, uma vez que isso pode significar o desaparecimento da hierarquia sexual estabelecida, ou seja, o fenômeno da homofobia muitas vezes ocorre por se tornar uma ameaça à desconstrução da imagem de uma sociedade heteronormativa criada e perdurada a anos.

Diz a psicóloga Juliana Spinelli Ferrari, colaboradora Brasil Escola:

A homofobia compreende duas dimensões fundamentais: de um lado a questão afetiva, de uma rejeição ao homossexual, ser diferente que não possui o direito de participação e permanência na sociedade; de outro, a dimensão cultural que destaca a questão cognitiva, onde o objeto do preconceito é a homossexualidade como fenômeno, que tende a vim desestruturar os padrões ditos normais da sociedade, e não o homossexual

enquanto indivíduo. (FERRARI. Juliana Spinelli. **O que é homofobia**. Brasil Escola)

Causas da homofobia

As principais causas da homofobia percebidas incluem fatores como a cultura e a própria família, o machismo, o binarismo, religião, os meios de comunicação e o desconhecimento ou a falta de educação pelo respeito à diversidade sexual. O medo do diferente passa pelo degrau da cultura e da gestão familiar, de modo que o desconhecido gera o surgimento do medo que desdobra-se no processo de rejeição, se tornando um tema com uma abrangência enorme por estar atrelado ao aspecto cultural.

No aspecto cultural encontra-se o machismo, que tem grande parte de sua origem no seio familiar, com a existência nos pais, por que muito se passam dos pais para os filhos, valores, preconceitos, costumes, etc., criando dessa forma gerações fechadas, preconceituosas em relação ao diferente, em especial à homossexualidade.

Outro fator cultural ligado aos anteriores é o binarismo, ou seja, a expectativa de que os relacionamentos tanto de caráter afetivo quanto sexuais se deem exclusivamente entre homem e mulher, chamada tradicionalmente de cultura heteronormativa, não havendo a possibilidade de ocorrer entre duas pessoas do mesmo sexo, sendo assim taxadas de antinaturais, por estar fora do padrão imposto pela sociedade contemporânea. Os gêneros são temas que entrará na vida da criança de forma branda após certo amadurecimento da mesma, mas o respeito às diversidades já pode ser trabalhado desde agora.

A religião é outro fator, o nome de Deus é usado para instigar a segregação e promover a subserviência. Contudo a homossexualidade é posta como algo que vai em desencontro aos desígnios de Deus, sendo abominável aos olhos do mesmo. Hoje a religião tornou-se uma das ferramentas mais eficientes para alimentar a homofobia de farsantes religiosos, em sua má intenção ao alimentar o ódio e o preconceito.

Os meios de comunicação também são apontados como uma fonte que contribui para difundir valores homofóbicos, instrumentos midiáticos como televisão, internet, redes sociais, apesar de tentarem propagar a ideologia de direitos iguais, e respeito à diversidade, se mostram incapazes nessa missão, reforçando outras ideias, outros valores, que muitas vezes, contrariam-se ao seu objetivo.

Percepções das causas da homofobia são vários, podendo contar com diversos fatores. Entre eles estão:

As principais causas da homofobia percebidas nas discussões tidas nas entrevistas e grupos focais incluem fatores como a cultura e a própria família, o machismo, o binarismo, religião, os meios de comunicação e o desconhecimento ou a falta de educação pelo respeito à diversidade sexual. (REIS, 2015, p. 193).

Homofobia na escola

A homo e a bissexualidade ainda são assuntos delicados no ambiente escolar. O preconceito praticado por parte dos estudantes e professores, e a ausência de técnicas pedagógicas adequadas para lidar com a diversidade sexual no ambiente escolar fazem com que a homofobia seja um problema recorrente nas salas de aula.

Atos violentos e homofóbicos é apenas uma amostra do cotidiano em algumas escolas brasileiras. De xingamentos à agressão física, o preconceito tem várias formas de manifestação entre as crianças e adolescentes. Muitas brincadeiras, principalmente por parte dos meninos, que chamam os colegas de “viado, frutinha, gay”, são muitas das situações presenciadas em grande número das instituições de ensino brasileiras. Piadas, cochichos, exclusão do grupo e as agressões físicas trazem consequências psicológicas para jovens e crianças homossexuais. O preconceito pode afetar o seu desempenho escolar, as suas relações sociais e a aceitação da própria sexualidade, conclui-se então que quanto mais discriminação existe em uma escola pior é o aproveitamento dos seus estudantes.

O comportamento homofóbico pode ter muitas origens. A família, porém, ganha destaque nesse contexto. Desde pequenas, a maioria das crianças são orientadas pelos pais a distinguir os brinquedos de menino dos de menina. “O ambiente familiar às vezes é muito repressor em relação à formação da identidade sexual do jovem. Ao utilizar expressões como ‘isso é de mulherzinha’ ou ‘não faz isso, você parece um homem’, os pais acham que estão ajudando na formação dos filhos quando, na verdade, podem estar influenciando um olhar preconceituoso”. Eles podem dificultar consideravelmente o desenvolvimento das discussões sobre homossexualidade dentro da escola, alegando que estas estariam estimulando a conduta gay. Mas, isso não é uma regra.

Outro elemento importante a se falar é a mídia, que pode influenciar na consolidação da homofobia. Quando explora comicamente a imagem do gay afeminado, espalhafatoso, que usa roupas justas, a televisão, principalmente, difunde esse esteriótipo e estimula os jovens e crianças a fazerem brincadeiras semelhantes. Outro fator determinante são as crenças religiosas, pois a capacidade de interferência de algumas instituições religiosas nas esferas moral e até mesmo jurídica favorece a disseminação de práticas homofóbicas na sociedade.

O despreparo de docentes na abordagem dessa temática nas salas de aula é outro fator importante, os Parâmetros Curriculares estabelecidos pelo MEC em 1997 propôs três eixos para nortear a intervenção do professor: Corpo Humano, Relações de Gênero e Prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis, essa abordagem faz com que a homossexualidade fique associada às DST's, reduzindo-a a uma questão patológica. "Por isso, os jovens acabam encarando as orientações sexuais diferentes como doença".

Muitos docentes ainda preferem não tratar da questão em sala, ignorando qualquer tipo de diferença entre os alunos. Com essa omissão, o preconceito e a discriminação são por vezes banalizados, o que transforma violências psicológicas ou mesmo físicas em meras "brincadeiras". Entre os estudantes as agressões contra o homossexual se tornou a ação com relevância entre eles, ficando atrás do delito do uso de drogas e roubo. "Isso evidencia claramente a relação entre homofobia e concepções de gênero, em especial de masculinidade. São nos estereótipos de gênero, dos comportamentos socialmente atribuídos a homens e mulheres, que têm origem as bases da homofobia". Explica um texto publicado na revista Diversidade Sexual na Escola. Para grande número de homossexuais a escola é sinônimo de sofrimento e desrespeito. É necessário encarar que a escola é um dos espaços onde a sexualidade mais se manifesta, onde se produzem comportamentos e se estimulam ou se superam preconceitos.

Consequências

São muitos os fatores que provocam sofrimento psicológico e dificuldades nas relações dos homoafetivos. Dentre eles destaca-se com maior teor a exclusão da sociedade, por serem tratados como pessoas doentes.

Honorato (2009) afirma,

“o preconceito por parte da sociedade contra os homossexuais provoca-lhes um grande sofrimento psíquico, pois estes se vêem em um conflito entre os seus sentimentos e desejos e os valores e normas impostos pela sociedade no que diz respeito à sexualidade”.

Tal sofrimento não está no fato de ser homoafetivo, mas sim nas consequências que o preconceito traz para a vida dessas pessoas e no medo de ser rejeitado pela família e pela sociedade em geral. Observa-se que esse sofrimento psicológico é causado pelo preconceito e pela rejeição a que é submetido o homoafetivo nos seus meios sociais.

A internalização da homofobia sofrida é outra grave consequência que pode-se observar, o próprio indivíduo homossexual internaliza as atitudes e conceitos negativos que a sociedade apresenta a respeito da homossexualidade e incorpora-os à sua auto-imagem, o que resultará uma hostilidade face à sua orientação sexual, conflitos internos e pouca auto-estima. Essa homofobia internalizada leva o indivíduo a viver numa espécie de vácuo identitário e sob efeito perverso da alienação, incapaz de ações afirmativas em defesa dos seus desejos e sentimentos homoafetivos.

A vulnerabilidade dos homossexuais diante da homofobia implica no seu comportamento social, tais sujeitos podem se tornar receosos em assumir sua orientação sexual perante a sociedade. Esse preconceito sustenta existência de locais próprios para a convivência de homoafetivos, se fixando à margem da sociedade, já que eles representam o diferente em relação à orientação sexual dominante, a heteronormatividade. Importante frisar que a sociedade busca estabelecer uma igualdade para todos, o que vale dizer que é em todos os aspectos, seja ele de gênero, raça, religião, etc.

O sofrimento vivenciado por homossexuais, como consequência da homofobia exercida por todos os ambientes sociais, pode trazer uma série de danos à vida das vítimas, como depressão, isolamento social e emocional, evasão escolar, o uso de álcool e drogas, transtornos alimentares, conflitos familiares, fuga de casa, nos casos mais graves, suicídio, entre tantos outros.

No que diz respeito às consequências da homofobia especificamente no ambiente escolar, pode-se citar como principais:

O impacto no rendimento escolar dos (das) estudantes, a evasão e desistência, a rejeição dos (das) outros (as) estudantes, o isolamento, a exclusão social, a depressão, o suicídio, o bullying e a violência física. Ainda transparece por

parte de alguns a falta de percepção das consequências da homofobia. (REIS, 2015. p. 200)

Respeitar sem estereotipar

É necessário entender que a escola não pode ser um instrumento de violência. Educação é um direito e tem que ser para todos, sem discriminação. E isso implica exigir que os alunos não tenham que perder a identidade. As pessoas e discentes não podem adotar padrões para terem aceitação.

O ambiente escolar é um espaço de convivência democrática, tendo importante função na formação da cidadania. Da mesma forma que o primeiro passo para o enfrentamento do racismo é o reconhecimento de sua manifestação social, inclusive em instituições públicas, a homofobia também requer originalmente o reconhecimento das instituições, entre as quais a escola, de que é uma prática de violação de direitos humanos e sociais que perpassa o cotidiano escolar.

A Lei de Diretrizes e Base (LDB) é um marco que assegura o direito universal não apenas ao acesso, mas à permanência na escola. A escola deve enfrentar esse problema, e o ponto de partida é reconhecer que a homofobia é uma prática de discriminação banalizada na sociedade brasileira. Professores, diretores e coordenadores pedagógicos precisam se conscientizar de que seu papel no combate aos preconceitos são valiosos e indispensáveis. O aluno deve ser visto como um todo, sem questionar ou se opor a opção religiosa, a raça, sexo e a orientação sexual.

RESULTADOS E DISCUSSÃO/INTERVENÇÃO

Os resultados obtidos foram agrupados em duas categorias: “**Homofobia: na perspectiva dos docentes, diretores, secretário, agentes, vigias, merendeiras e auxiliares de serviços gerais.**” e “**Homofobia no ambiente escolar: a perspectiva dos discentes**”.

a) Homofobia: o que dizem os/as docentes, diretores, secretário, agentes, vigias, merendeiras e auxiliares de serviços gerais?

Os docentes acerca da homofobia evidenciaram o conhecimento superficial sobre casos de homofobia ocorrentes na escola, desconhecendo a amplitude dessa

violência. Em face do desconhecimento e/ou precariedade de uma formação inicial e continuada dos docentes diante da complexidade da homofobia, a intervenção nessa realidade é algo delicado sem o conhecimento. E foi essa intervenção que nenhum docente se mostrou preparado a realizar, em resposta à deficiência das formações inicial e continuada.

Diretores, secretário e agentes explicitaram a observação obtida de alguns casos de homofobia fora da sala de aula, e que houve a devida preocupação, e medidas tomadas isoladamente.

Os demais profissionais, vigias, merendeiras e auxiliares de serviços gerais deixaram claro não conhecer nenhum caso nos seus horários de trabalho.

Torna-se relevante explicitar também que nenhum dos docentes entrevistados demonstrou domínio ao definirem homofobia.

b) Homofobia no ambiente escolar: discentes:

Os resultados obtidos com os alunos se mostraram preocupantes, 96 (80%) discentes deixaram claro não aceitar e /ou repudiar uma orientação sexual diferente da heteronormativa, os mesmos afirmaram que não gostariam de ter um homossexual entre seus colegas de classe, e que direta ou indiretamente já realizou uma brincadeira de caráter homofóbico, configurando-se como bullying homofóbico, e muitas vezes, passando para a agressão física, como um empurrão, ou um “peteleco”.

Assim pôde-se notar que a homofobia está arraigada na educação, que para alcançar a superação, é necessário a imposição de um exercício que desconstrua os ideais, os conceitos já estabelecidos nas categorias cognitivas.

Relevante frisar termos utilizados pelos alunos, como: anormal, estranho, esquisito.

Intervenção

Discentes

A intervenção na problemática em questão se deu em três momentos:

1º Momento - Palestras: Durante a primeira semana de intervenção foram abordados como instrumentos palestras, rodas de conversas e encenações.

2º Momento - Aulas práticas: Este momento se baseou na dinâmica de se colocar um no lugar do outro, vivenciando situações que lhes permitissem a reflexão acerca de comportamentos zombatórios, discriminativos, e preconceituosos.

3º Momento - Relatos: Este momento consistiu no relato oral e individual de cada discente da sala de aula, mostrando novas perspectivas apreendidas.

Ao final dos momentos de intervenção foram constatados a apreensão de novos valores e princípios de igualdade de direitos por 73 discentes (76%), possibilitando um ambiente escolar propício para o desenvolvimento cognitivo excluindo distinções. 23 discentes (23,9%) apresentaram a necessidade de novas atividades interventivas.

Aos docentes, diretores, secretário, agentes, vigias, merendeiras e auxiliares de serviços gerais, a intervenção se deu mediante formação continuada acerca de temas transversais, uma formação ao mês até o término do ano, lhes atribuindo confiança para exercer intervenção em cada novo caso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pôde-se observar que a homofobia é um fenômeno complexo, com inúmeras causas, práticas, e consequências, ocasionadas, reforçadas e mantidas por diversos fatores históricos e socioculturais fundamentados em crenças, mitos, tabus, e preconceitos no se refere à sexualidade e gênero, na busca da conservação do modelo heterossexual como único.

As contribuições adquiridas na pesquisa realizada com a comunidade escolar evidenciaram que a homofobia está alicerçada em diversas normatizações que compõem a realidade social e que quando aceitas sem questionamentos podem contribuir para a perpetuação de preconceitos e discriminações contra a diversidade sexual.

A escola como um ambiente social de construção e desconstrução de conhecimentos apresenta um papel importante na estimulação da criticidade e pluralidade de idéias, possibilitando abrangência acerca de variados temas transversais, como, sexualidade, gênero e homofobia. Os alunos, uma vez inseridos no ambiente escolar, é dever do mesmo propiciar condições favoráveis para o pleno desenvolvimento do discente, permitindo a cada um vivenciar a sua cultura, respeitando-as independentemente de qual seja.

A escola precisa perceber a existência da prática homofóbica no seu contexto real, que a intolerância juntamente com a homofobia necessita de combate, que sua postura precisa ser positiva diante do problema. Os estudos do presente projeto revelam que há a necessidade de se pesquisar mais sobre esse tema, que docentes e pesquisadores interessados busquem (in) formações significativas que auxiliem no combate à homofobia ocorrente ou reproduzida no ambiente escolar.

Relevante frisar que o conhecimento é uma das ferramentas indispensáveis no processo de combate, portanto, torna-se importante a formação continuada de toda comunidade escolar no que se refere a temas transversais.

REFERÊNCIAS

- BRASIL ESCOLA. **O que é homofobia?**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/psicologia/homofobia.htm#:~:text=Homofobia%20%C3%A9%20o%20termo%20utilizado,viol%C3%Aancia%20f%C3%ADsica%20e%20Fou%20verbal>. Acesso em: 17 out. 2019.
- BRASIL. Lei Federal nº 9394/96 – **Lei De Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br> . Acesso em: 17 out. 2019.
- CAROLINA, Julia. **Na escola a homofobia é escondida pela tolerância mascarada**. Último Segundo. São Paulo, 2013. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br>. Acesso em: 14 set. 2019.
- DIAS, Luiz Henrique. **Homofobia na sala de aula. FÓRUM**. Revista Fórum, Curitiba, 2016. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/noticias/machismo-e-homofobia-em-sala-de-aula/#>. Acesso em: 22 out. 2019.
- MIRANDA, Lury Mayra Amorim de. **Homofobia na escola**. JusBrasil, 2017. Disponível em: <https://lurymirandadelta18.jusbrasil.com.br>. Acesso em: 13 out. 2019.
- RAMAL, Andrea. **A homofobia começa em casa e na escola**. G1. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com>. Acesso em: 27 out. 2019.
- REIS, Toni. **Homofobia no Ambiente Educacional: O silêncio está gritando**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2015.
- SOARES, Wellington, QUEEN, Mariana. **A escola na luta contra a homofobia**. Nova Escola. 2012. Disponível em: <https://novaescola.org.br>. Acesso em: 13 out. 2019.